



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

O ENCANTAMENTO DA SOCIOPOÉTICA NA ECOLOGIA DO CUIDAR

Lúcia Treptow Marques¹
Luciana Roso de Arrial²
Mara Agripina Pereira Ferreira³

RESUMO

Este ensaio versa sobre a Sociopoética como opção teórico-metodológica, abordando a experiência de um grupo-pesquisador de 24 pessoas no Seminário Ecologia do Cuidar – FURG, ofertado em março de 2007. O objetivo do Seminário era traduzir outras possibilidades de pesquisa-ação que proporcionassem uma análise de dados diferente dos habituais, onde o sentir e perceber são também elementos integrantes da pesquisa. Sujeitos com formações acadêmicas diversas fizeram parte deste cenário. Neste encenar traduziu-se a metodologia utilizada como linguagem da arte e do corpo, pelos facilitadores Dr. Jacques Gauthier e Dr. Afonso Martin. Palavras-chaves: sociopoética, metodologia, pesquisa-ação.

ABSTRACT

This essay focuses on the Sociopoetics as a theoretical and methodological option, addressing the experience of a research group of 24 people in the Seminar Ecologia do Cuidar - FURG, offered in March 2007. The goal of the seminar was to translate other possibilities of action research that would provide an analysis of data different from the usual, where the feel and sense are also integral components of research. Individuals with different academic backgrounds were part of this scenario. This stage led to the methodology used as the language of art and the body, by facilitators Dr. Jacques Gauthier and Dr. Alfonso Martin. Keywords: socialpoetics, methodology, action.

¹ Doutora em Produção Animal - UFPel – CEP 96001 970 – Pelotas – RS – Brasil. Endereço eletrônico: ltmarques@yahoo.com.br

² Mestre em Educação Ambiental – FURG – CEP 96.201-900 – Rio Grande – RS – Brasil. Endereço eletrônico: luarrial@ig.com.br

³ Mestranda em Educação Ambiental – FURG - CEP 96.201-900 – Rio Grande – RS – Brasil. Endereço eletrônico: mara.agripina@hotmail.com

Em um mundo de símbolos, significados, diverso, encantos, imaginação, a academia ainda esta muito voltada ao conhecimento cartesiano, só o que é cientificamente comprovado pode ter validade. Nesta abordagem a Sociopoética vem como uma alternativa dialógica para interpretar signos que os métodos convencionais não conseguem decodificar.

Este ensaio conta a história de um seminário de sensibilidade, criatividade e expressividade que se reuniu em 05 a 09 março de 2007, no qual o Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental – FURG, ofertou um tópico especial denominado Seminário Ecologia do Cuidar, ministrado pelos professores Dr. Jacques Gauthier (Ministere de L'education Nationale, M.E.N., França) e Dr. Afonso Martin (Professor titular - Furg), visando incentivar o uso da Sociopoética como opção teórica-metodológica nas pesquisas acadêmicas. O grupo-pesquisador e pesquisado era constituído por 24 pessoas envolvidas com diferentes áreas de conhecimento, a saber: artes, geografia, oceanologia, zootecnia, arquitetura, pedagogia, enfermagem, educação física, entre outros.

O grupo encontrou-se para dialogar com a Sociopoética, através de exercícios práticos que resultaram em análise qualitativa discursiva entre o grupo, proporcionando vários aspectos que pudessem auxiliar na elaboração de artigos, textos ou ensaios.

Este trabalho é resultante da metodologia utilizada neste tópico especial, pois “o corpo fala” é uma frase corriqueiramente utilizada pelo senso comum, sem conhecimento maior, o malfadado “senso comum”.

E como diz Sobral (2005, 311):

A Sociopoética com seu tropismo por práticas sociais e profissionais tem nos ensinado a pesquisar coletivamente na busca por entender, por exemplo, o cotidiano das relações e para tanto explicita a sua metodologia na concepção do grupo-pesquisador: ao compartilhar a pesquisa construímos coletivamente o conhecimento.

A metodologia do seminário

Gauthier (2005: 260) lembra-nos:

O dispositivo sociopoético permite a transferência, ou a tradução, dos problemas formulados com precisão (e, muitas vezes, sob formas inéditas), do plano da imanência para o plano da consistência. O plano da consistência é o lugar, percorrido de acelerações e desacelerações, de encontros e desencontros, onde os conceitos filosóficos são criados, discutidos, reformulados, destruídos, organizados em redes e nós, e liberados de tal ou tal quadro...

No primeiro dia, 05 de março, para cada participante foram distribuídos um caderno para escrita de um diário individual, denominado itinerante. Para o grupo ficava à disposição

uma pasta, com folhas em branco, para qualquer forma de expressão que pudesse surgir durante o seminário.

A primeira etapa consistiu de uma rápida explanação dos Princípios da Sócio-Poética. Portanto:

Primeiro Princípio: pesquisar “com” o outro, grupo pesquisador, pensamento do grupo, facilitador (professor), conceito múltiplo, complexo, antagônico, complementar, várias abordagens. Papel do facilitador: não participa da formulação dos dados, conhece os dispositivos de pesquisa, (consenso é enganar o consciente), desestabilizar os dados, outra abordagem.

Segundo Princípio: valorização da cultura popular na leitura dos dados, cruzamento de dados.

Terceiro Princípio: O corpo inteiro conhece, como exemplo: os entrevistados dizem o que o pesquisador quer ouvir, sugere uma técnica artística e uma técnica mais racional, dependendo da técnica os dados são completamente diferentes, nas entrevistas mexe só com a mente, conhecer com a emoção, pela intuição, desenvolver a intuição como pesquisador, exemplo de uma enfermeira que através do olfato percebe o tipo de doença do paciente.

Quarto Princípio: A arte como técnica de aperfeiçoamento artístico, sensações, imaginação, emoção, exemplo: artesanato, o artesão pensa de forma diferente, a razão que está na superfície da vida.

Quinto Princípio: O grupo-pesquisador é responsável pela pesquisa, o público pesquisado deve ter o resultado ao alcance de todos.

Posteriormente, o facilitador sugere ao grupo que se reúnam em círculo, de mãos dadas, olhos fechados, como uma forma de sensibilizar o grupo. Como relaxamento foi utilizada uma técnica baseada no Tai Chi Chuam. A escolha da temática se deu da seguinte forma: foi pedido aos participantes que escolhessem um tema a ser estudado, o tema escolhido foi escrito em um pequeno pedaço de papel individual. O facilitador sugeriu que o grupo se reunisse em duplas com o objetivo de sintetizar em apenas um, os dois temas escolhidos individualmente. A dupla se uniria a outra, na tentativa de encontrar um único tema.

Após todos os temas escolhidos, o facilitador escreveu no quadro todas as sugestões do grupo. Foi salientado que o tema deveria ser de âmbito geral e não específico, pois poderia vir a restringir demasiadamente o foco de pesquisa. O tema foi agregado por similaridade e por discordância. Foi feito um arranjo dos temas afins, de forma democrática, até que finalmente se chegou ao objeto de pesquisa que seria estudado durante o seminário. O tema escolhido foi “energia”.

Um abraço em círculo foi realizado, no qual todos procurariam sentir a energia do grupo. Deitados sobre o chão, o facilitador proporcionou ao grupo uma técnica de conscientização corporal através do relaxamento. Posteriormente foi solicitado que cada integrante sentisse a energia do momento e conseguisse visualização, símbolo e título dessa energia. Para cada sujeito, foi pedido que escolhesse, por afinidade, um dos quatro elementos da natureza: água, fogo, terra e ar.

Formaram-se grupos de aproximadamente seis pessoas que receberam diferentes materiais para a confecção de cartas individuais que lembrassem de certa forma cartas de Tarô, pois conteriam a imagem, o símbolo e um título. Essas cartas deveriam representar a energia que cada participante visualizou durante a sensibilização. Os materiais utilizados para a confecção das cartas foram para o grupo do fogo, giz de cera, velas e fogo; para a água, tinta e água; para o ar, tinta, canudos e balões e para o grupo da terra, argila e tinta. Ao grupo foram fornecidas folhas de papel vergê e solicitado o uso de somente três cores em cada carta. As técnicas utilizadas para a confecção foram as seguintes, para o fogo a queima de giz, para a água aquarelagem, para o ar sopro da tinta pelo canudo ou pelos balões e a terra modelagem com argila. O autor, por livre e espontânea vontade, submetia sua carta à apreciação do grupo que comentava suas impressões a respeito da carta. Por último, o autor relatava sua visualização e explicava ao grupo o significado da arte expressa na carta. Os comentários do grupo e do autor foram registrados em papel a metro pelo colega que o apresentou no início do seminário e os comentários dos colegas eram anotados pelo autor no seu diário itinerante. “Estamos dobrados no nosso objeto de conhecimento, e só a vista dos outros, a partir de suas próprias dobras, permite desdobrar parcialmente o mundo. Aí se cria a objetividade no conhecimento, pois ‘objetos’ podem ser compartilhados e pensados juntos.” (Ibidem: 281)

No primeiro dia foi realizado o estudo de cinco das vinte e quatro cartas. Ao final do trabalho, o facilitador proporcionou novamente um relaxamento baseado no Tai Chi Chuam.

No segundo dia, 06 de março do seminário os facilitadores solicitaram ao grupo-pesquisador que fizessem um círculo para fazer um relaxamento baseado no Tai Chi Chuam, com abertura e fechamento dos chácra do coração e da cabeça.

Em seguida, em dupla, de preferência com alguma pessoa íntima, sentados com as pernas cruzadas, um em frente ao outro, foi realizado um exercício de conscientização dos sete chácra, através da visualização de flores e cores distintas para cada chácra. A ordem dos chácra: testa, garganta, peito, plexo solar, sexual, fundamento e cabeça. Primeiro a visualização do seu próprio chácra, e em um segundo momento do chácra do colega, na

mesma ordem. Posteriormente a leitura e interpretação de mais oito cartas. No final da manhã o relaxamento foi realizado com dança Flamenca.

Neste mesmo dia, à tarde, realizado um relaxamento em forma de círculo com abertura e fechamento de todos os chácras. Continuando em círculo com os olhos fechados fazer e desfazer um nó humano sem soltar as mãos. Em seguida, fazer e desfazer o nó humano com os olhos fechados. Em duplas fez-se o jogo do espelho, fixando o olhar no colega. Em seguida, formar com o corpo do colega uma estátua. O grupo que tinha ficado como estátua, deslocava-se para o fundo da sala, imitando a estátua que o colega havia elaborado. Caso a mesma não estivesse idêntica, o artista a retocava. Com todas as estátuas, formava-se uma obra coletiva, com um título único nomeado pelos artistas. Leitura do diário coletivo e do individual. Leitura e interpretação de mais cinco cartas. No final da tarde um relaxamento com intenção de incitar o riso e descontrair, onde em círculo, cada participante deveria dizer as palavras “Búfalo Bill”, mas sem mostrar os dentes. No caso do colega não conseguir repassar as palavras ou tivesse a intenção de mudar o sentido do círculo, gritava “hihahhh”.

O terceiro dia do seminário iniciou com um relaxamento com a dança do ventre. Após, brincadeira do “João bobo” ou “garrafa bêbada”, onde em trio, a pessoa que estivesse no meio, com o com ereto, seria deslocada de frente para trás ou vice-versa pelos outros dois colegas. A próxima dinâmica consistia no grupo deitar-se no chão, em posições invertidas, no qual seria realizada uma passarela humana, onde um colega era transportado do início para o fim da passarela, através das mãos dos colegas. Leitura dos diário coletivo e individual. Leitura e interpretação das últimas cartas.

À tarde, um exercício de sonoridade através de mantras que variavam de intensidade. Esse exercício era realizado em dois grupos frente a frente, onde o som era projetado conforme uma onda de um colega para o outro, na primeira vez aumentando a intensidade e na segunda vez diminuindo-a. Exercício de ritmo, em círculo, batendo palmas alternadamente. Em dois grupos com seqüência de palmas diferentes.

Trabalho para exercitar a memória infantil, em dupla de costas, tentando lembrar uma energia de criança, contando-a para o colega. Posteriormente, contava-se para outra dupla. Entre os quatro colegas, organizar uma energia que sintetizasse a idéia do grupo. Tentativa de ordenação das cartas, pensando em uma numeração possível para as mesmas, agrupando-as por semelhanças ou diferenças. Chegou-se a uma ordenação, pensando-a ser definitiva.

No final da tarde o relaxamento proporcionado foi o jogo do vampiro, onde com o grupo disposto em círculo, de olhos fechados, o facilitador elegia um vampiro, após, com todos a circular pela sala, permanecendo com os olhos fechados, o vampiro tocava em um

colega que gritava apavorado, tornando-se vampiro também. Quando o mesmo era tocado novamente, deveria dar um grito de prazer, tornando-se humano novamente. Os facilitadores sugeriram que a noite o grupo se reunisse para uma nova tentativa de agrupamento das cartas, com leitura e interpretação das cartas, unidas pelos quatro elementos. Somente alguns colegas integrantes do grupo puderam se fazer presentes.

No dia 08 de março, pela manhã, com o grupo em círculo o facilitador proporcionou alguns movimentos de karatê. No primeiro momento, individual, em seguida em dupla, no qual seria simulado um exercício onde um deveria desferir um golpe de karatê e o outro defender-se-ia. Em seguida, o grupo deveria postar-se no fundo da sala como que formando uma parede humana, um integrante no outro extremo da sala deveria correr de olhos fechados em direção a esta parede humana, o qual o acolheria. Na última dinâmica da manhã, o grupo-pesquisador deveria acolher o colega que se jogaria de cima de uma cadeira onde esta estava sobre uma mesa. Com o grupo sentado, cada um em seu lugar, escolheu-se um codinome, que seria usado durante todo dia. Posteriormente, elaborado uma nova ordenação das cartas, bem menos cartesiana, onde o facilitador sugeriu que a ordenação ou agrupamento das cartas poderia seguir diferentes direções.

Na tarde deste mesmo dia, houve a dinâmica do Tai Chi Chuam com abertura e fechamento de todos os chacras.

Leitura dos diários coletivos e individuais. Os facilitadores explicam como o trabalho desenrola-se, fazendo uma contra-analise, para entender melhor o tema, a metodologia e a organização do material.

No último dia do seminário, o grupo-pesquisador reuniu-se para uma avaliação do seminário, cada pesquisador-pesquisado relatava a sua opinião, o que tinha sentido e percebido. Foi proporcionando um intervalo onde o grupo confraternizou-se, após os facilitadores explanaram um pouco mais sobre a sócio-poética. As cartas foram jogadas em forma de tarô por uma colega e o facilitador Dr. Jacques encarregou-se de fazer a pergunta: Qual seria o “devir” do grupo? Para finalizar o seminário, o grupo abraçou-se em um grande círculo, em silêncio, um silêncio que gritava e, um silêncio que falava, um silêncio que dizia aqueles que queriam ouvir.

Os confetos produzidos, termo utilizado pelo facilitador Dr. Jacques, que significa confraternização permeada pelo afeto, neste grupo-pesquisador, proporcionaram de um modo lúdico e prazeroso uma maneira de fazer pesquisa, mais que uma produção, também séria e eficiente, de conhecimento.

Por fim, acreditamos ser importante a socialização desta experiência de grupo e não apenas enquadrá-la em um espaço acadêmico. Neste relato, fica um espaço-tempo, com abertura para o diverso e para a “flexibilidade na abertura ao diferente e diferenciador, é apaixonadamente procurado pelos (as) sociopoetas.” (Ibidem: 285).

Um cansaço visível, de uma semana de reflexões, mentes borbulhando em poesia e imagens poéticas que floresciam como fontes insubstituíveis de saúde do ser. Nessa jornada, os sentidos produziram sentidos pela vontade de olhar para si mesmo, para o interior das coisas. Muito mais do que metodologias e métodos, o acontecimento poético, pode emergir do encontro entre o corpo e o mundo, exigindo de educadores a coragem de reinventar a si mesmo. Afinal, a memória é vida, é afetiva e mágica. É encantamento!

REFERÊNCIAS

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Trilhando a vertente filosófica da montanha Sociopoética – a criação coletiva de confetos e conceitos. In: SANTOS, Iraci dos ... [et al.]. **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais – Abordagem Sociopoética**. Ed. Atheneu, SP.2005.

SOBRAL, Vera. O cuidar Sociopoético com os sujeitos da pesquisa: na memória fica o que significa. In: SANTOS, Iraci dos ... [et al.]. **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais – Abordagem Sociopoética**. Ed. Atheneu, SP.2005.